

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO X

HOMENAGEM AO DOUTOR DAMIÃO PERES



COIMBRA / 1962

## A propósito do *Amato Lusitano* de Ricardo Jorge

Este livro de Ricardo Jorge (\*) é uma colectânea de três artigos, dois dos quais foram publicados com o intervalo de vinte anos (1916 e 1936) e um terceiro mantido inédito até agora. Tem ele por título «As Conquistas e as Drogas das Índias».

Todavia, apesar de constituído por elementos dispare e tão afastados no tempo, o livro apresenta uma certa unidade e, o que é mais, a sua leitura depressa se torna um agradável prazer intelectual. Contribui para isso, não apenas a elegância da prosa de Ricardo Jorge, mas ainda o tom de amena narrativa, sempre reavivada por agudas observações da vida e dos homens. E não lhe falta a nota cáustica de quem escreve para informar, e também para corrigir, no passado e no presente, os vezos de seus compatriotas.

Além disso, Ricardo Jorge conhecia como muito poucos o século XVII português, e até peninsular, nos seus aspectos culturais, e como ninguém a história médica nacional desse tempo. De modo que o seu *Amato Lusitano* não perde o interesse, mesmo para quem tenha algum conhecimento, obtido nos textos originais, do século por excelência de humanistas que eram simultaneamente homens de acção.

As observações que vêm a seguir são oferecidas, não como crítica, mas como homenagem à memória venerada de Ricardo Jorge.

A propósito da transformação do nome de Diogo Pires, uma vez saído de Portugal, diz o Autor que «trasmudou-se em Pyrrho Lusitano» (p. 25).

Não é inteiramente exacto. O seu nome completo em latim é Didacus Pyrrhus Lusitanus, sendo o último apelido apenas uma forma de se identificar quanto à nacionalidade. Que diria Ricardo

i<sup>1</sup>) *Amato Lusitano. Comentos à sua Vida, Obra e Época*. Lisboa, s. d. (1963), xxi -f 280 páginas. 'Cf. *Colóquio* 26 01963), p. 69.

Jorge, se tivesse podido saber que ele usou também o apelativo pessoal de Iacobus Flavius, em que, sendo o primeiro nome equivalente a Didacus, o segundo procura ser uma tradução latina do grego Pyrrhus?

Aliás, o sobrenome de Pyrrhus tinha tradições mesmo entre os humanistas que viviam em Portugal. Assim é que aparece em composições latinas do MS. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Este Diogo Pires, hábil versejador novilatino, não deve ser confundido com um outro Diogo Pires, como ele de ascendência israelita, natural de Lisboa, que é conhecido nos anais do judaísmo pelo nome de Salomão Molco. Esta estranha figura de iluminado, que até a hora da morte se considerou o Messias, veio a morrer na fogueira em Mântua no ano de 1532 <sup>(2)</sup>.

Quanto a Diogo Pires, o poeta, fez sair dos prelos em Ferrara, em 1545, o único livro que dele li até hoje. Tem por título *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum Liber Vnus apud Franciscum Rubrium*. É dos poucos versejadores novilatinos de toda a Europa a quem pode realmente chamar-se poeta.

Modernamente, Aquilino Ribeiro ocupou-se dele, com espírito de novelista, em *Portugueses das Sete Partidas*, num capítulo intitulado «Pyrrhus Lusitanus, judeu errante e pinga-amor». Sei onde o falecido escritor foi buscar alguns dos elementos que estão certos no seu trabalho de ficção, mas não me atribuindo prerrogativas de autor de biografias romanceadas, prefiro não preencher lacunas com rasgos de fantasia. Deixo, por isso, para mais tarde, a melhor parte das minhas notas sobre Diogo Pires. Tudo quanto aqui escrever, é exacto, autenticável e... omito no livro de Ricardo Jorge.

¡Sobre os seus méritos literários, bastará dizer que um polígrafo e crítico famoso da Itália quinhentista, Lillius Gregorius Gyalduus <sup>(3)</sup>, além de o cumular de elogios como poeta, faz de Didacus Pyrrhus um dos interlocutores do seu diálogo *De Poetis Nostrorum Temporum* <sup>(4)</sup>.

<sup>(2)</sup> Cf. *The Jewish Encyclopedia*, s. v. Molko (Solomon), e *Enciclopedia Judaica Castellana*, s. v. Moljo (¡Salomon).

<sup>(3)</sup> Para uma outra obra deste autor, com interesse para a Cultura Portuguesa, cf. o artigo «Demógorgon em Fernando Pessoa» que publiquei em *Panorama*, n.º 5/IV Série (1963).

<sup>(4)</sup> Li-o nos *Opera Omnia* da edição de Leyda, de 1696.

Do seu patriotismo não há que duvidar. É ver a saudade com que nos seus versos fala de Portugal e o desejo, certamente sincero, de preferir acabar a sua vida, lutando na Índia ao lado dos portugueses, a ter que combater na Europa em exércitos estrangeiros. É, pelo menos, o que manda dizer a seu sobrinho Didacus Vasaeus, estudante em Salamanca.

O desencanto da peregrinação de judeu errante está bem patente nesta poesia que cito, por ser dedicada a João Rodrigues, o Amato Lusitano, por lembrar tempos gratos da juventude em Salamanca e por unir ambos na mesma saudade da pátria inacessível:

*Ad loarmem Rodericum medicum Louanium petiturus*

*Quos patimur cassus, et quos Roderice labores,*

*Quaevae pericla uides.*

*Dum sequimur toto fugientes orbe puellas*

*A loue progenitas.*

*En ego uidi qui dudum uotis petii omnibus undas*

*Tormidis aureolas.*

*Rursus in ire fretum, rursus candentia cogor*

*Pandere uela noto.*

*Vela noto, et totiens iactatam credere uitam*

*Fluctibus Hesperiiis.*

*Heu patrias unquam dabiturne reuisere sedes,*

*Dulciaque ora meae*

*Pyrmillae? uiuente mihi qua uiuere dulce est,*

*Dulce cadente mori.*

*An mea (dii uestram) peregrinis ossa sepulchris*

*Condet acerba dies?*

*Antiquis procul a laribus? procul ore meorum?*

*Quae mea culpa nefas*

*Commeruit tantum ? sed quae dea caetera caeco*

*Temperat arbitrio,*

*Viderit ista, mihi certum est prius omnia forti*

*Pectore dura pati.*

*Quam dulce Aonidum studium, quam clara sororum*

*Carmina deserere.*

*Hic amor est, haec cura meam premit unica mentem.*

*Caetera nulla puto.*

*Interea longum ueteris, Roderice, sodalis  
 Viue ualeque memor.  
 Otia grata teras, nam quae fert commoda secum  
 Improbis iste labor?  
 Cum tamen in terris nimium, paulumue moratos  
 Nos breuis urna manet.*

*Que infelicidades e que trabalhos ou que perigos sofremos, ó Rodrigues, bem vês, enquanto seguimos fugitivas pelo orbe inteiro as moças filhas de Júpiter. Sim, eu vi, eu que outrora busquei com todos os meus anseios as águas alouradas do Tormes!*

*De novo sou forçado a ir para o mar, de novo a dar ao Noto as velas branque jantes. As velas a Noto, e a confiar às ondas Hespéris uma vida tantas vezes açoitada pelas tempestades.*

*Oh, algum dia me será concedido rever os lugares pátrios e as doces feições da minha Pyrmila? vivendo onde me é doce viver, e, ao extinguir-me, doce morrer!*

*Acaso um céu cruel (deuses, por piedade!) guardará meus ossos em sepulcro estrangeiro? longe dos antigos lares? longe da face dos meus? Que culpa minha mereceu impiedade tamanha? Mas a deusa que tudo governa com cego arbitrio, lá veja! Por mim, decidi antes sofrer com peito forte todas as contrariedades, que abandonar o doce estudo das Aónides, os claros cantos das irmãs.*

*Este é o meu amor, este o cuidado que só ocupa o meu espirito. O mais considero-o nada.*

*Entretanto, vivas tu por muitos anos com saúde, ó Rodrigues, lembrado de teu velho companheiro! Goza agradáveis ócios! Que vantagens traz consigo esse trabalho insano? Demorem-nos na terra muito ou pouco, uma urna breve nos aguarda.*

A Universidade de Salamanca e a sua vida escolar no século XVI, em relação com a formatura de Amato Lusitano, são objecto de um excelente capítulo de Ricardo Jorge.

Gostaria de acrescentar aqui um testemunho contemporâneo sobre as precárias condições higiénicas da vida estudantil. Na sua *Obra ... delas Cosas Memorables de España*, publicada em Alcalá, em 1530, o humanista Lúcio Marineo Siculo (siciliano, portanto, como Cataldo que viveu e morreu em Portugal, anos antes) louva o rio que atravessa Salamanca, nestes termos: «Coneste [el Duero]

se ayūta Thormis rio de muy buenas aguas que se beuen en Salamanca que son tan delgadas que hazen purgar por sarna los cuerpos humanos y especialmente a los estudiantes. Del qual rio tomo sobre nõbre la villa de Allua».

Três anos mais tarde, em 1533, na edição latina do mesmo livro, o pormenor realista é omitido: «Huic [Durio] se Thormis inmiscet fluuius aquae ualde salubris, qua utitur Salmãtica, & a quo cognominatur Alua».

Ricardo Jorge fala repetidas vezes de três mestres, a saber, Cristóvão Orosco, António Luís e João Fernandes. Os dois primeiros eram médicos e todos foram amigos ou, pelo menos, conhecidos de Amato Lusitano.

'Sobre Cristóvão Orosco, e principalmente a respeito de António Luís, encontram-se nas *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* de Leitão Ferreira, editadas pelo Professor Joaquim de Carvalho, elementos que podem servir de ponto de partida para mais amplas investigações. Alguma documentação referente a Orosco pode ver-se no MS 84 da Biblioteca Municipal do Porto (pertencente outrora a Santa Cruz de Coimbra), publicada em grande parte pelo Professor Mário Brandão em *Alguns Documentos Respeitantes à Universidade de Coimbra na Época de D. João III*. Coimbra, 1937.

Este MS contém igualmente correspondência e trabalhos literários referentes a Mestre João Fernandes, de quem Ricardo Jorge escreveu: «Deste João Fernandes, assim gabado e emparelhado com o Pinciano, não tenho à mão outra notícia que não seja a da sua categoria de mestre de Artes e Humanidades na Universidade Joanina» (p. 67, n. 1).

Lúcio Marineo Siculo, na edição espanhola do livro atrás citado, refere tê-lo encontrado, anos antes, na Universidade de Alcalá: «[...] y Juan Fernandez seuillano también muy docto en la lengua latina y griega y profesor de retorica y orador eloquente».

A sua origem sevilhana é confirmada por fontes variadas <sup>(5)</sup>,

(5) Um curioso incidente das relações entre gente da cidade e a Universidade é descrito ñas *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, publicadas pelo Professor Mário Brandão. Na acta do 'Conselho de 11 de Agosto de 1548 (vol. II, i, p. 75) se trata da queixa de M.º João

entre elas os *Erasmi Colloquia ad Meliorem Mentem Reuocata* (cerca de 1545), cuja autoria é assim apresentada: *Per Ioannem Fernandum Hispalensem Rhetorem Regium in Inclyta Conimbricensi Academia-*

Outras obras suas existentes são as orações na Universidade de Coimbra: *Oratio pro Rostris Pronunciata in Conimbricensi Academia a M. Joháne Fernando Anno Secundo a Nouae Academiae Institutione* <sup>(6)</sup> que so pode ter sido proferida em 1539; e o livro, publicado em 1548, com duas orações, a saber, *Ad Ioanem Tertium Inuictissimum Portugalliae, & Algarbiorum, Regem Africum, Arabicum, Persicum, Indicum, Principem Piissimum. DUAE IO ANNIS FERDINANDI RHETORIS CONIMBRICENSIS ORATIONES. Ad Principem Ludouicum De Celebritate Academiae Conimbricensis. Oratio Funebri Habita in Funere Eduardi Filii D. N. R. Conimbricae, MDXLVIII. Ç*.

Sobre a oração *De Celebritate Academiae Conimbricensis* foi apresentada na Faculdade de Letras de Coimbra, no ano lectivo de 1962-63, uma dissertação de licenciatura, feita sob a minha orientação, por Jorge Alves Osório. O prólogo, que antecede a tradução, constitui o melhor estudo até hoje realizado sobre João Fernandes. Todo o trabalho será impresso em um dos próximos números da revista *Humanitas*-

João Fernandes foi ainda autor de uns *Elementa Grammaticae* <sup>(8)</sup> e teria composto uma versão latina da *Chronica do Condestabre* <sup>(9)</sup>.

**Fernandes, segundo a qual, ele e sua mulher haviam sido insultados de «castelhanos, bêbados e judeus avenediços» por um vizinho da cidade.**

<sup>(6)</sup> **Inserta no MS 84 da Biblioteca Municipal do Porto.**

<sup>(7)</sup> **Reimpresso pelo Professor Joaquim de Carvalho nas *Notícias Chronoloêcas da Universidade de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, II, iii, i, pp. 1671-701.**

<sup>(8)</sup> **Segundo Sousa Viterbo in *Historia e Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, (Nova Série, 2.<sup>a</sup> Classe, tomo XI)I, parte iII, p. 158, na «Memória» intitulada «A Literatura Hespanhola em Portugal».**

<sup>(9)</sup> **(Segundo Ioannes Vasaeus, *Chronica Rerum Memorabilium Hispaniae*, cap. IV, fol. 5 v.º (155'2). Vasaeus escreveu «ut audio», não fazendo assim uma afirmação categórica.**

**Vale a pena citar o texto: «Extat praeterea Comitibus Nonii Aluari Pereirae, Brigantiae domus auctoris historia impressa, quem Comitibus Lusitaniae Camillum dixeris. Eam, ut audio, Latine vertit Ioannes Ferdinandus, quem illustris-**

Em Espanha, além de Alcalá, professou em 'Salamanca. Em Portugal, ensinou primeiro no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, de onde transitou para a Universidade <sup>(10)</sup>, e daqui passou ao serviço dos Duques de Bragança, possivelmente em princípios de 1550 O<sup>1</sup>), morrendo em Vila Viçosa, em 1578.

'Para terminar estas breves notas ao livro de Ricardo Jorge, abordo um curioso problema de arqueologia setubalense.

Escreveu Ricardo Jorge, traduzindo um passo do *Comento a Dioscórides* <sup>(12)</sup> e acolhendo-o dubitativamente: «Encontrava-se também junto a Setúbal uma espécie de jaspe muito lindo, ora azul ora verde, que os portugueses chamam *azulejos*, empregando-o como excelente adorno dos edificios (*L. V, en. 119*). Não me consta que a Serra da Arrábida ou outra possua semelhantes mármore; deve andar aqui confusão grossa do Amato com os ladrilhos cerâmicos chamados *azulejos*» (p. 165).

**simus Brigantiae dux Theodosius filio suo unico Toanni, in successionem amplissimae dittonis nato, praeceptorem prudenti consilio delegit, cuius eruditio uaria Compluti, Salmanticae, Conimbricae celebrior est, quam ut alienae praedicationis indigeat».**

(1<sup>o</sup>) Nomeado por alvará de 117 de Setembro de 1539. Cf. *Documentos de D. João III*, publicados pelo Prof. Doutor Mário Brandão, vol. I, p. 18-6.

(2<sup>o</sup>) O respectivo alvará de autorização de D. João III, para que ensinasse o filho do Duque de Bragança, sem perda dos direitos de lente da Universidade de Coimbra, é de :25 de Maio de 1549. (Cf. Doutor Mario Brandão, *Documentos de D. João III*, vol. IV, p. 370). Mas a participação de um João Femandes na votação de 16 de Dezembro de 1549 levou o Dr. Jorge (Alves Osório a pensar que nessa data ainda se encontraria em Coimbra. E, de facto, se o João Femandes é o mesmo, assim terá acontecido.

A votação, em que participavam professores e estudantes, destinava-se ao preenchimento por «oposição» de uma cadeira de Instituta.

(12) *In Dioscoridis Anazarbei De Medica Materia Libros Quinque, Amati Lusitani Doctoris Medici ac Philosophi Celeberrimi Enarrationes Eruditissimae. Accesserunt huic operi... Lugduni, apud Theobaldum Padanum, 1558.*

O texto, que vem na página 804 desta edição, é o seguinte: «[...] Sed quum de Iaspide loquimur, non decet hinc discedere, quin genus eius quoddam describamus, quod apud Salatium oppidum iuxta Lusitaniam praecipue nascitur, interdum coloris cyanei, nonnunquam uiridis, oculis gratum, quod Lusitani sua uoce *Azulejos* appellant. Sunt enim lapilli isti aedificiorum magnum ornamentum [...]».

Salatium, para Amato Lusitano, é Setúbal, como notou Ricardo Jorge, a propósito deste passo.

Aceitada de bom grado a observação de Ricardo Jorge, se Diogo Mendes de Vasconcelos, em duas ocasiões diferentes, ao tratar de Setúbal, não tivesse escrito:

## I

*50 Id praestare tibi mei Cábedi  
Felix musa potest, parem uetustis  
Quem Cetobrica protulit poetis,  
Felices ubi iaspidum colonos  
Piscosi sinus alluit profundi.*

## II

*201 Arma uirosque ferox ratibus Cetobrica mittat  
Quam rutila cingit constructus iaspide murus*

Aqui o jaspe é apresentado sem indicação de cor, mas «os habitantes ricos em jaspe» da poesia I e o «muro de jaspe brilhante» que cinge Setúbal, na poesia II, são dois testemunhos concordantes, e do mesmo século XVI, que parecem confirmar a exactidão de Amato Lusitano.

O Rev. Dr. José Geraudes Freire, na sua tese de licenciatura, impressa com o título de *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos* (Coimbra, 1962), p. 181 da separata, depois de estudar o caso, conclui: «É possível que na construção da velha muralha se tivesse utilizado, em boa parte, o mármore da Arrábida».

Quer-me parecer, todavia, que o assunto demanda mais estudo. Deixemo-lo, porém, aos arqueólogos setubalenses a quem estes três testemunhos coetâneos hão-de interessar.

O capítulo final, sobre «As Conquistas e as Drogas da Índia», mais acentua a vantagem de bem escrever. Apesar de nada conhecer de Botânica, li-o com o mesmo agrado dos anteriores.

Neste livro extraordinário, aliás, a limitá-lo no tempo, a dar-lhe aparência de antiquado, só o tradicional hábito português de não concluir com um índice de nomes próprios, que facilite a sua consulta.